

'Todas as nomeações passam por mim'

JORGE BASTOS MORENO e
CRISTIANA MENDES LOBO

BRASÍLIA — Depois de ter sido responsabilizado pelos desastros do Governo e apontado como um auxiliar em desgraça, o Ministro da Justiça, Bernardo Cabral, sente-se recuperado e elevado à condição de supermi-

nistro do Presidente Collor: além de recuperar a coordenação política, ele diz ter o controle de todas as nomeações do Governo. Reanimado, compara seu prestígio no Palácio do Planalto ao do Ministro Petrônio Portella, na gestão do Presidente Geisel. Garante ter ainda mais poder.

O movimento, inclusive de colegas Ministros, em seu gabinete, no 4º andar do Palácio da Justiça, confirma sua força no Governo. Na semana passada, ele recebeu Zélia Cardoso de Melo (Economia), Antônio Rogério Magri (Trabalho) e Ozires Silva (Infra-Estrutura). Falou com os

outros pelo telefone. Sempre coordenando, por determinação do Presidente, as nomeações de segundo e terceiro escalões para formar a base de apoio de Collor no Congresso e eleger os aliados em outubro.

Na sexta-feira passada, foi grande a movimentação no gabi-

nete. Políticos de vários partidos, como o Senador Maurício Corrêa (PDT-DF), e até mesmo a Primeira Dama, Rosane Collor, buscavam um contato. As atribuições que recebeu do Presidente na quarta-feira passada, segundo o próprio Ministro, são decorrência de seu livre trânsito entre os vários partidos no Congresso.

O GLOBO — Líderes do próprio Governo, até a semana passada, especulavam sobre sua demissão do Ministério, achando que o senhor estava muito desgastado politicamente. Como explica essa súbita mudança de sua posição no Governo?

BERNARDO CABRAL — A valorização que o Presidente da República deu ao seu Ministro da Justiça foi por ter percebido que, nestes quase dois meses de Governo, sempre procurei atuar com a mais absoluta discrição, permanecendo muito mais tempo na platéia obscura do que no palco iluminado. Com isso, quero dizer que aqueles que achavam que eu estava desgastado com o Presidente Fernando Collor erraram, pois a situação era exatamente o contrário... Confiança não é bondade que se compra nem caridade que se vende. Por essa razão, desfruto da mais absoluta confiança e lealdade do Presidente da República.

O GLOBO — O que o senhor realmente passa a controlar agora no Governo?

CABRAL — Na área congressional, desenvolvo articulações com os líderes do Governo, Renan Calheiros (na Câmara) e José Ignácio (no Senado). Na área política, trabalho em candidaturas que nascem e em torno das quais faço as análises de sua viabilidade ou não. No campo administrativo, há a mais completa integração e colaboração com os Ministros e Secretários de Estados.

O GLOBO — O principal objetivo de seu trabalho é construir uma base de apoio ao Governo no próximo Congresso?

CABRAL — Exatamente. O trabalho que venho realizando com vistas às eleições de 3 de outubro tem a finalidade de compor uma bancada de parlamentares — sem a preocupação pertencerem a esta ou aquela sigla partidária — que dê sustentação ao nosso Governo. A partir do ano que vem, quando tiverem submergido aqueles políticos que não estavam afinados com as aspirações populares, brotará no Congresso Nacional uma modernidade política que quebrará estruturas, saltará capítulos ultrapassados e caminhará para soluções de problemas que comprovarão que o político brasileiro, a partir de então, será um homem voltado para o atacado das preocupações, e não para o varejo de suas ambições pessoais. A política do jeitinho e o exercício da troca de favores, tenho certeza, sofrerão uma pancada mortal.

O GLOBO — Como mudar isso se, para a sua missão, o senhor passa a centralizar também a distribuição de cargos? A prática de favores não teria apenas mudado de endereço — ao invés de ser, como no Governo anterior, na sala do Presidente, passa a ser no gabinete do Ministro da Justiça?

CABRAL — É preciso considerar que, decorridos dois meses de gestão, sedimentado o plano



“Algumas pessoas que nos criticam lembram bifes à milanesa de botequins: só sabemos que estão podres depois da primeira dentada”

de estabilização econômica do Governo, os espaços vazios na administração pública terão que ser preenchidos, para que a máquina administrativa não sofra paralisação. No entanto, o que se nota é a diretriz para a escolha de pessoas preparadas, não só do ponto-de-vista técnico, mas tam-

bém e, sobretudo, no lado moral, a revelar que não é o caminho da barganha ou a estrada da compensação que se está percorrendo. E, além disso, há de se chamar para o lado do Governo do Presidente Fernando Collor as pessoas que contribuíram para a sua vitória, e não os inimi-

gos, pois esses jamais mandam flores.

O GLOBO — O senhor vai subir nos palanques, na próxima campanha eleitoral?

CABRAL — Vou entrar firme porque a minha Pasta é política e, conseqüentemente, o meu desempenho é político. Isso não significa, porém, que eu deva subir em palanques ou fazer política de caça às bruxas. Tampouco quer dizer que deva colocar a máquina administrativa a serviço desta ou daquela candidatura.

O GLOBO — Parece que o interesse do Governo Collor é apenas em relação ao Congresso Nacional. Qual a posição do Presidente da República em relação às sucessões estaduais?

CABRAL — O Presidente da República não se envolverá na escolha de candidaturas. Em lugar disso, aguardará que, em cada Estado, as forças que o apoiaram na sua eleição se componham entre si, a fim de evitar que se registre a simpatia por um em detrimento de outros.

O GLOBO — O senhor foi o mais íntimo colaborador do Deputado Ulysses Guimarães na elaboração da Constituição. Agora, o Deputado Ulysses Guimarães o acusa de desrespeitar o texto que ajudou a elaborar. Até agora, o senhor não respondeu a essas críticas.

CABRAL — Coitado do Dr. Ulysses!

O GLOBO — Se o senhor, somente agora, passa a ser responsável pela redação das Medidas Provisórias do Governo, por que também não respondeu, durante esse tempo todo, às críticas de seus próprios companheiros, que atribuíam ao senhor a responsabilidade pelos erros jurídicos de muitas delas?

CABRAL — É que algumas pessoas que, às vezes, nos criticam lembram muito os bifes à milanesa dos botequins: só percebemos que eles estão podres depois que damos a primeira dentada.

O GLOBO — Como principal responsável pelas atividades políticas do Presidente Collor, o senhor não está preocupado com o “Governo paralelo” de Lula?

CABRAL — Que governo? Parece até a Conceição do morro: se subiu, ninguém sabe; se desceu, ninguém viu...

O GLOBO — E as críticas feitas pelo ex-Governador Leonel Brizola ao programa de estabilização econômica do Governo?

CABRAL — O pior dos desesperos é o daquele político que vê suas chances de uma eventual vitória eleitoral se diluírem na linha do horizonte. Ele é um desesperado.